Nas quebradas da cidade
um passeio forçado do nada a lugar algum

CaUSo De PoLÍCIa

Um conto inédito de Fernando Bonassi

Ilustração: André Sader

A constituição garante o direito de ir e vir. Em tese, cada um pode ir e vir sem dar satisfações tanto no ir como no vir. Mas naquele bairro nada *era tão simples*. As vezes você estava indo ou vindo e...um camburão estacionava do seu lado.

- Parado aí.

Estacionar é apenas um modo de se referir a uma coisa que pára. **Aquelas D20 haviam rodado mais de quinhetos mil quilômetros atrás de putas, assassinos, inocentes e, quando encostavam, podia-se ouvir o grito desesperado de todas as almas perdidas que os "homens da lei" haviam ajudado a chegar no inferno.**

Ergui as mãos imediatamente. Minha mãe disse que já possuía essa reação instintiva no berço. Culpa genética? Vergonha? Terror?

– Bom garoto...

– A gente se acostuma.

– O quê? Será que a gente se conhece?

– Acho que não.

– Deixa eu ver você direitinho.

Chegou às minhas costas. Passou a mão na minha bunda.

– Hum...acho que já te conheço.

– Deve ser engano.

– Eu me engano, Waldemar?

Outra voz soou dentro da viatura:

– Não me lembro disso ter acontecido, Dirceu.

– E se a gente passasse um rádio pra saber desse rapaz?

Meus ombros começaram a doer. Tremiam também. Não era só cansaço.

– Posso baixar o braço?

- Tá com pressa?

– Não, eu...

– Sabe Waldemar, não vou encher o saco do pessoal da Central. Vamos deixar eles dormirem essa noite. O menino aqui parece de bem. Você é de bem?

– Acho que sim.

– Não tem certeza?

– É...bom...eu trabalho.

– Então vamos ver a profissional...

Tornou a passar a mão na minha bunda. Pegou a carteira de dinheiro.

– Hei, essa não é a carteira de trabalho!

– Quem trabalha ganha, é ou não é?

– Nem sempre.

– Olha só Waldemar, é um revoltado.

– Pô, Dirceu, esses revoltados vivem dando trabalho pra gente.

– Nem diga, Waldemar, nem diga...

Ouvi o policial fuçando nas minhas coisas.

– O cara só anda com dez?!

– O que ele faz? Tem cara de malaco. Procura que tem coisa.

– Acho que não...mas vamos ver o que ele tem feito.

Enquanto Dirceu abria minha carteira de trabalho pensei que um registro mais duradouro me salvaria daquela situação, mas não tinha nada duradouro pra oferecer além das minhas dúvidas.

– Nossa Waldemar!

– Que é Dirceu?

– O moleque não pára num emprego!

– Um vagabundo, hem?!

– O desemprego tá fogo, eu...

– Puxa carro? Acho que você puxa...Tem cara...Ou trafica um papelzinho?

– Não, eu...

– Vem.

Dirceu abriu a porta detrás do *camburão. Não foi dessa vez que eu* pude ver a cara dele. Do Waldemar eu desviei, seguindo pro chiqueirinho cabisbaixo. Esperava causar boa impressão. Talvez eles pudessem desistir. Não desistiram.

Muitas emanações diabólicas saiam daquele carro, especialmente ali, onde iam os desgraçados. Basicamente a coisa se compunha de vômito, urina e merda. Devia haver sangue também, daí um resquício doce no ar.

– Entra.

Dirceu fechou a porta. A luz entrava quadriculada, por causa de uma rede de ferro por cima dos vidros. No momento falar em "medo"